

## **Reaganation: a nação e o nacionalismo neoconservador nos Estados Unidos nos discursos de Ronald Reagan (1981-1988)**

**Roberto Moll Neto<sup>1</sup>**

### **1 – Nações e nacionalismos**

As nações não são entidades naturais. As nações e os nacionalismos surgiram de projetos sociais, políticos, culturais e econômicos, que buscavam legitimidade. Como observou Benedict Anderson, as nações são comunidades imaginadas, construídas. São imaginadas, pois os membros de uma nação não conhecem pessoalmente uns aos outros, mas mesmo assim nutrem e dividem o mesmo sentimento de comunhão nacional. Do ponto de vista de Anderson, o nacionalismo produziu as “comunidades imaginadas” através de práticas culturais e administrativas dos estados modernos. Tais práticas estimulavam os homens a buscarem suas identidades e definirem suas obrigações com a nação. Como nota Anderson, o estado moderno, em seu processo de formação, atuou como promotor da alfabetização e de uma gramática vernácula comum, que possibilitaram que os homens reconhecessem nos jornais imagens comuns e narrativas coletivas. Nessas imagens e narrativas, diversos eventos e relatos formam uma espécie de romance real e se entrecruzam com a vida do leitor. Dessa forma, o leitor se vê como parte de uma “comunidade imaginada” com um espaço circunscrito e sujeitos nunca vistos, aonde se desenrolam os enredos e as narrativas, que guiam parte de suas vidas (ANDERSON, 1983).

Corroborando os mesmos pressupostos modernistas de Anderson, os historiadores britânicos Eric Hobsbawm e Terence Ranger argumentam que as práticas nacionalistas culturais e administrativas que legitimam as nações são “tradições inventadas” na modernidade. Hobsbawm e Ranger entendem por “tradição inventada” as práticas de natureza ritual ou simbólica, reguladas institucionalmente ou não, que têm por objetivo inculcar valores e normas de comportamento, supostamente, milenares, naturais e obrigatórias a todos os membros que pertencem a uma comunidade. Os historiadores britânicos, entretanto, explicam que o termo “tradição inventada” é

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense; Doutorando em Relações Internacionais pelo Programa de Pós Graduação em Relações Internacionais Santiago Dantas (UNESP – UNICAMP – PUC-SP); e Professor da Universidade Candido Mendes

utilizado em sentido amplo, que inclui as tradições construídas e institucionalizadas formalmente pelos estados e as tradições que surgiram de maneira espontânea em um período limitado e determinado do tempo, mas que se estabeleceram com rapidez. Assim, para Hobsbawm e Ranger, heróis, mitos, músicas, roupas típicas e outras tradições nacionais que confirmam a naturalidade histórica das nações e definem os valores e as normas de comportamento características dos indivíduos nas nações são na verdade invenções do período moderno, que se fazem e se refazem desde então (HOBBSAWM, Eric & RANGER, 1997.).

Dessa forma, Hobsbawm e Anderson tratam a nação e o nacionalismo como um fruto plantado na era moderna e desenvolvido sistematicamente durante a história até os dias atuais. Entretanto, outros teóricos da nação e do nacionalismo, sem descartar as contribuições centrais de Anderson (em maior medida) e Hobsbawm (em menor medida), apontam que as origens da nação e do nacionalismo, embora modernas, remontam a antigas organizações étnicas, que forneceram as bases para construção das identidades. O cientista político inglês Anthony Smith, tal como Anderson e Hobsbawm, encara as nações e o nacionalismo como construções, portanto sem considerá-las como entidades naturais. Para Smith as nações são “uma nomeada população humana que compartilha mitos e memórias, ocupa historicamente um território; e possui uma cultura de massas, uma economia única e responsabilidades e direitos legais iguais para todos os membros”. O nacionalismo, que dá sentido às nações, é um movimento idealizado para alcançar e manter a autonomia, a unidade e a identidade de uma população, considerada por alguns dos seus membros como uma real ou potencial “nação”. Entretanto, Smith questiona o caráter unicamente moderno das nações e do nacionalismo, embora reconheça que elas sofreram profundas transformações na modernidade. De acordo com Smith as nações só podem ser construídas, ou imaginadas, sobre raízes históricas antigas. Desse ponto de vista as nações são constructos de longo prazo, constantemente reconstruídos e re-significados.

Smith sugere que as nações modernas e os nacionalismos ampliaram estruturas e conceitos étnicos mais antigos que foram universalizados na modernidade, como a ideia de terra prometida, passado dourado e povo escolhido. A ideia de terra sagrada é associada à nação de duas formas: quando uma comunidade considera a terra um lugar de culto sagrado, um exílio espiritual; ou quando um povo, que precisa se libertar dos

opressores escolhe seguir para uma terra assumida como prometida a fim de formar uma comunidade ideal. A ideia de passado dourado estimula nos componentes da nação a recuperação de um status passado, mítico e ideal. Assim, a ideia de um passado dourado enfatiza a trajetória heroica dos cidadãos, realça os grandes feitos, relembra as virtudes que os descendentes carregam no sangue e justifica o sacrifício em nome de um destino designado desde tempos imemoriais. A ideia de povo escolhido é essencialmente um conceito religioso que atribui a um povo a missão de defender os valores morais e de realizar seu destino na terra. Isto confere à nação um status moral de superioridade sobre “os outros”; reafirma o destino comum e especial da nação que está destinada a ficar livre e a livrar o mundo da opressão; ajuda a delimitar as fronteiras e afastar os profanos que rejeitam a missão nacional, sejam eles vizinhos, conquistadores ou inimigos internos; e por fim, estimula o povo a se engajar no “caminho sagrado” obedecendo às “leis divinas” a fim de evitar que a missão não seja cumprida e que a nação seja derrotada. Na modernidade a missão do povo escolhido começa por criar e preservar uma comunidade unida e autônoma para defender e recuperar os valores morais que fizeram o passado dourado, a fim de realizar o destino próspero em uma terra prometida (SMITH, 1999).

De certo, as tradições culturais e étnicas são fundamentais para formação das nações na longa duração, mas não constituem exclusivamente a ideia moderna de nação. Por isso, segundo Smith, os nacionalismos que dão sentido às nações combinam aspectos étnicos e cívicos, não obstante, um ou outro tenha maior preponderância em determinados contextos históricos e geográficos. O nacionalismo étnico é calcado sobre a ideia de que os indivíduos de uma nação dividem uma cultura e uma história única e estão ligados por laços de solidariedade que lembram laços familiares. Manifestações culturais imaginariamente milenares, como a língua e os costumes, são mais valorizados do que a igualdade legal, a cidadania e uma cultura de massas cívica. Mitos de ancestralidade e genealogia definem a nação. O nacionalismo cívico, por outro lado, define a nação como um grupo de indivíduos que escolhe pertencer racionalmente a uma comunidade com um território definido e compacto; com igualdade de todos os membros perante a lei; com direitos sociais e políticos de cidadania indiscriminados; e com uma cultura pública de massas compartilhada por todos os membros. Na ideia de nacionalismo cívico, os cidadãos podem adotar a identidade nacional a partir da livre

escolha, inclusive os imigrantes, pois estão abertas a qualquer membro que esteja disposto a obedecer às leis e a cumprir as obrigações com a comunidade. Assim, o nacionalismo é ao mesmo tempo uma construção subjetiva e uma categoria normativa que definem quem pertence a uma determinada sociedade e as obrigações que estes têm que cumprir (SMITH, 1999).

Tomados em conjunto, os estudos de Anderson, Hobsbawm e Smith têm em comum uma leitura das nações e dos nacionalismos como fenômenos que estão constantemente em construção e não são naturais. A análise de discursos pode ser um dos caminhos mais interessantes para entender a construção das nações e os nacionalismos. Como bem observou Craig Calhoun, o nacionalismo também é um modo de falar, escrever e pensar sobre a cultura, a política e o papel dos membros de uma comunidade imaginada no mundo. Os discursos nacionalistas buscam os termos retóricos e a definição da identidade nacional nas narrativas históricas da nação. Assim, constroem uma identidade coletiva e a nação torna-se um agente coletivo. As narrativas, fontes do discurso político, têm, inclusive, o poder de mudar - e mudam - o significado dos traços étnicos e cívicos que fundamentam as comunidades imaginadas. De certa forma, a narrativa situa o lugar da nação na história (CALHOUN, Craig. O nacionalismo importa. In. DOYLE, Don e PAMPLONA, Marco (Org). Nacionalismo no Novo Mundo. Rio de Janeiro: Record, 2008).

## **2 – Ronald Reagan e o neoconservadorismo nos Estados Unidos**

Nos anos 1950 a ideologia conservadora começou a ser repensada. Os colunistas da revista *National Review*, fundada por William Buckley Jr. em 1955, foram os principais artífices de uma determinada reinterpretação e reconstrução da ideologia conservadora que ficou conhecida como nova direita ou neoconservadorismo. Os intelectuais neoconservadores ressuscitaram idéias que não eram exatamente novas. A ideologia neoconservadora resgatou e reconstruiu pressupostos de correntes conservadoras que os antecederam, basicamente do velho conservadorismo e do libertarianismo. A novidade ficou por conta da fusão inusitada de dessas correntes tão distintas. Os intelectuais William Buckley Jr. e seus companheiros, Frank Meyer e M. Stanton Evans, todos ligados a *National Review*, foram os principais arquitetos da difícil tarefa de fundir a linguagem libertária e a linguagem conservadora tradicional. De

acordo com esses três intelectuais, a liberdade, no sentido libertário, era impossível sem uma prerrogativa moral e um objetivo transcendental, bem como a virtude moral era impossível sem a liberdade, pois sem a possibilidade de escolha, o Estado imporia suas virtudes e seus objetivos. Evans e Meyer argumentavam inclusive que a liberdade é “divinamente ordenada” e que é impossível sem uma moral judaico-cristã. Neste sentido, Buckley Jr. e seus companheiros consideravam que o Estado de Bem Estar Social violava a liberdade econômica, a liberdade de escolha e por consequência destruía a moral, a dignidade e a autonomia dos homens. Em suma, os intelectuais que construíram as bases ideológicas do neoconservadorismo resgataram do tradicionalismo a ênfase moral que, a partir da década de 1960, serviu para atacar moralmente o Estado de Bem Estar Social e os movimentos sociais liberais. Do libertarianismo, os artífices do neoconservadorismo resgataram a ideia de que a sociedade era uma relação contratual entre indivíduos e não um organismo que guarda interesses e objetivos coletivos. Portanto, nada justificava projetos estatais que interferissem na vida das pessoas e limitassem as liberdades, sobretudo a econômica. Neste sentido, o Estado deveria se restringir a zelar pela constituição e pelo sistema federal de divisão dos poderes. Do ponto de vista econômico, portanto, defendiam o livre comércio e a redução do Estado sob a justificativa de que a liberdade individual era um valor americano fundamental e moral, responsável pela produção e pela riqueza da nação. Para esses conservadores, o maior perigo do século XX era o crescente papel do Estado como organizador da vida social. Para eles, o comunismo, o fascismo, o nacionalismo no Terceiro Mundo, a social democracia, o liberalismo do New Deal e a Great Society eram todos estatistas ou coletivistas.

A crise da década de 1970 criou o ambiente ideal para o florescimento da mobilização neoconservadora e a construção intelectual de um novo projeto político nacional. Empresários da nova direita organizaram fundações para reunir capital para apoiar e financiar universidades, pesquisas e centros de estudo (Think Thanks) a fim de elaborar projetos políticos nacionais. De acordo com Craig Jenkins e Craig Eckert, as elites empresariais que dominavam os conselhos desses centros definiam quais problemas deveriam ser abordados, quais especialistas deveriam ser recrutados e quais propostas deveriam ser promovidas, embora os intelectuais tivessem uma autonomia negociada (JENKINS, Craig J. & ECKERT, Craig M. The right turn in economic

policy: business elites and the new conservative economics. In: *Sociological Forum*, Vol. 15, nº2. jun, 2000, p.327-330). Eckert e Jenkins definem esses centros neoconservadores ligados às empresas como Organizações Políticas Empresariais (Business Policy Organizations - BPOs).

Nesses círculos, moderados e radicais acusaram os intelectuais liberais e as políticas sociais de serem os pivôs da crise, uma vez que exigiam altos gastos do governo, altos impostos, aumento nos custos da produção e intervenção do governo federal. Nas organizações políticas empresariais, o Estado de Bem Estar Keynesiano era visto como principal causador do déficit e da estagflação, resultado da inflação somada à estagnação econômica. Os neoconservadores entendiam que a estagflação limitava a iniciativa privada, o emprego e o desenvolvimento da criatividade enquanto os programas sociais aumentavam a dependência das pessoas em relação aos programas sociais, sobretudo desempregados e negros. Como consequência última, a estagflação e os programas sociais, para os neoconservadores, diminuía a liberdade individual e reforçava o autoritarismo do governo federal.

As organizações políticas empresariais sinalizaram com propostas para solucionar a crise econômica, social, moral e política que, segundo eles, assolava o país. Os projetos neoconservadores de nação, entre outras coisas, visavam substituir o keynesianismo por políticas que: restringiriam a disponibilidade de capital, promovendo cortes nos gastos públicos; reduziriam impostos para parcela mais rica da população para incentivar o investimento, a poupança e o trabalho; e trocariam as regulamentações econômicas por soluções de mercado. Essas propostas seriam alcançadas através de políticas econômicas monetaristas e fiscalistas que ganharam vulto dentro das organizações políticas empresariais na segunda metade da década de 1970.

Promissores políticos foram financiados e treinados por Organizações Políticas Empresariais, Think Tanks neoconservadores e pela direita religiosa. O mais popular dentre esses líderes, Ronald Reagan. Até os anos 1960, Reagan era ator, presidente do Sindicato dos Atores de Cinema e Televisão (Screen Actors Guild), porta voz da General Electric e membro do Partido Democrata. Em 1962, Reagan deixou o Partido Democrata e se filiou ao Partido Republicano por não concordar com as políticas dos Democratas que, diante da crescente influência dos trabalhadores e dos negros dentro do partido, se viram constrangidos a ampliar os direitos sociais e estabelecer os direitos

civis dos afro-americanos, sobretudo no sul do país. Em 1964, no discurso de apoio à candidatura presidencial do senador Republicano Barry Goldwater, Reagan explicou a sua mudança de partido parafraseando o Democrata Al Smith, que fez forte oposição ao New Deal.

Reagan tentou ser o candidato à presidência dos Estados Unidos pelo Partido Republicano em 1968 e em 1976. Entretanto, Reagan só conseguiu ser o representante Republicano no pleito presidencial em 1980, defendendo um projeto nacional enraizado nas teorias políticas, econômicas e morais gestadas nos BPOs neoconservadores. Para boa parte dos eleitores de 1980, Reagan ofereceu um projeto convincente, que prometia combater a inflação, a baixa produtividade, balancear o orçamento e reduzir os déficits. Prometia também combater o desemprego, a pobreza, os pesados tributos, a decadência internacional da nação, as ameaças externas e os “vagabundos” que se apoiavam nos programas de seguridade e Bem Estar Social. Concomitantemente, Reagan associou as questões econômicas e sociais às questões morais, enfatizando valores, presumidamente tradicionais, como família, trabalho duro, mobilidade social, iniciativa individual, em oposição a uma imaginada interferência do governo federal nas relações familiares, nas liberdades individuais e criativas. Na perspectiva neoconservadora alavancada por Reagan, o governo federal minava os valores tradicionais, visto que desfazia os laços de família e solidariedade, enquanto reforçava o papel do Estado como fonte de ajuda aos necessitados. Através dos programas sociais e da seguridade, o governo federal também limitava as liberdades individuais e criativas uma vez que incentivava a dependência, a preguiça e o parasitismo.

No fim do embate eleitoral, Reagan venceu Jimmy Carter com 50,7% dos votos populares e uma vitória acachapante nos colégios eleitorais, conquistando 489 delegados em 44 estados. O governo Reagan funcionou como caixa de ressonância do projeto político nacional neoconservador. A concepção de mundo do presidente Reagan estava claramente apoiada nas teorias econômicas, políticas e culturais dos intelectuais neoconservadores dos BPOs, que inclusive, faziam parte do governo. A eleição de Reagan e o aumento do número de representantes do Partido Republicano no Congresso dão indícios de que a difusão e a fertilidade discursiva do projeto político nacional neoconservador, perceptível através dos discursos da presidência, alteraram

fundamentalmente a forma como um contingente significativo dos estadunidenses entendiam a nação e o nacionalismo.

### **3 – A essência do povo escolhido e a economia**

Nas entrelinhas dos discursos presidenciais de Reagan se escondia uma forma de imaginar a nação pautada por um ideal mais étnico do que cívico, no qual a América e os estadunidenses eram definidos por características essencializadas e naturais, dadas por Deus, e não por direitos políticos e sociais associados à cidadania. Para Reagan, sob a visão de mundo neoconservadora, o verdadeiro estadunidense, nacionalista, era o oposto dos homens que apoiavam os programas de bem estar social, os direitos civis e as regulamentações, bem como dos homens que participavam de tais programas ou defendiam tais causas. O verdadeiro estadunidense, que refletia o ideal de nação “verdadeiro”, era aquele que, com a liberdade individual e a independência dada por Deus, era, essencialmente ou naturalmente, empreendedor, produtivo, competitivo e valorizava as tradições sociais e morais, como a família e a comunidade. Acima de tudo o estadunidense, nesta visão de mundo, confiava em um futuro divinamente ordenado para ele e para a nação, desde que trabalhasse duro e realizasse as obras de Deus na terra: era “o sonho americano”, o resgate do passado mítico e a liderança mundial. Para o verdadeiro estadunidense, da perspectiva neoconservadora propagada por Reagan, produzir, competir, trabalhar duro, ter iniciativa e espírito empreendedor era uma tendência natural e patriótica. Os programas sociais, os direitos civis e as regulações implantadas nos anos liberais eram entraves à produção, ao trabalho duro e ao empreendedorismo. Além disso, revelavam uma confiança excessiva no governo e uma desconfiança nos desígnios de Deus, no “sonho americano” e no papel destinado aos estadunidenses na terra. Portanto, o verdadeiro estadunidense apoiava o projeto de nação neoconservador. Caso não o fizesse, o futuro da nação e o resgate dos tempos gloriosos, que estavam designados por Deus, estariam em risco e a nação seria consumida pelo atraso.

Na ótica neoconservadora defendida por Reagan, os programas sociais desenvolvidos pelos governos liberais e os problemas, supostamente, provocados por eles, como a inflação e a estagnação, destruíam a nação. A visão de mundo neoconservadora que o presidente propagava entendia os programas sociais liberais



como intervenções do governo federal na vida dos estadunidenses e, como consequência, limitavam a liberdade individual, a independência e a produtividade que Deus dera aos estadunidenses, o povo escolhido. Os programas sociais, na lógica neoconservadora, roubava dos estadunidenses os princípios básicos da nação, mormente a capacidade de se auto-governarem. Nesta lógica, sem o auto governo e com a excessiva intervenção do estado, os indivíduos ficavam impedidos de dispor seus recursos como bem quisessem, desestimulados a produzir, sem iniciativa individual e sem os laços de organização comunitária. Assim, os programas sociais desenvolvidos pelos liberais desde a década de 1930 eram vistos como malignos por corroerem a auto-estima e a disposição individual e nacional.

Reagan, em 31 de março de 1981, discursando para os trabalhadores da construção civil associados da AFL-CIO, no Hotel Hilton em Washington, procurou explicar a presumida importância do programa econômico, sobretudo do balanço orçamentário (REAGAN, disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/33081b.htm>>). Para Reagan, o programa econômico resgataria a suposta independência e a produtividade natural dos estadunidenses. Com o objetivo de se aproximar dos trabalhadores dos sindicatos da construção, Reagan começou falando de baseball, lembrou que era o primeiro presidente dos Estados Unidos que um dia foi ligado à organização e que, por duas décadas ou mais, participou ativamente das negociações contratuais do seu sindicato. Para lembrar aos trabalhadores o perigo de deixar o governo cobrar impostos excessivamente altos e gastar com programas sociais, o presidente citou Samuel Gompers, fundador da AFL: “fazer pelas pessoas o que eles podem e devem fazer por eles mesmos é uma experiência perigosa”. Através dessas palavras, Reagan enfatizou que “em última análise o bem estar dos trabalhadores depende da iniciativa deles mesmos”. O presidente fez questão de lembrar que, para Gompers, não importava se os programas sociais eram “feitos sob pretexto da filantropia ou da moralidade social”, pois “de qualquer maneira é o maior crime que pode ser cometido contra os trabalhadores”.

O presidente lembrou aos trabalhadores que o país “está hoje em uma complicada situação econômica precisamente porque nossos líderes tem esquecido que construímos essa grande nação recompensando a ética no trabalho e não punindo-a”.

Segundo Reagan, as políticas sociais estavam afastando os trabalhadores estadunidenses “dos primeiros princípios” e a nação estava perdendo “de vista a liberdade individual e a ingenuidade que estão no centro de tudo que nós temos realizado”. Reagan, retoricamente, perguntou aos trabalhadores quais eram os resultados do distanciamento dos princípios básicos da nação e respondeu apontando para o crescimento da violência e aumento do número de “pessoas fora do trabalho”. Curiosamente, Reagan não utilizou a palavra desempregados, possivelmente, para dar a ideia de que não ter um emprego é resultado das escolhas dos trabalhadores, que participam dos programas sociais. Em seguida, Reagan utilizou a palavra desemprego para reafirmar esta posição, mas apontando que a escolha era induzida por alguém, provavelmente os Democratas liberais. Assim o presidente alertou aos trabalhadores que, com os programas sociais, eles “têm sido roubados de uma dignidade humana básica e forçados à humilhação do desemprego”.

Em mais um discurso sobre a recuperação econômica da nação, em 24 de setembro de 1981, televisionado para todo o país, Reagan acusou “aqueles”, que se opunham ao plano de cortes do governo, de participarem da “extravagância” dos programas sociais (REAGAN, disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/92481d.htm>>). Os programas sociais, nas palavras do presidente, “trouxeram inflação, desemprego, juros altos e débitos para a nação”, “não eliminaram a pobreza” e não “transformaram a dependência em auto-suficiência, independência ou dignidade”. Segundo o presidente, “há alguns anos atrás, quando nós éramos uma nação jovem e nosso povo visitava a terra dos nossos antepassados, os turistas americanos eram considerados incautos e não sofisticados pelos padrões europeus, mas abençoados com o espírito da independência e do orgulho”. De acordo com Reagan, naquele tempo os bombeiros eram voluntários, os vizinhos ajudavam a reconstruir os celeiros quando incendiados e “o oeste foi construído sem um plano de desenvolvimento e as cidades em todo o país sem um plano federal”. Para o presidente “este espírito ainda vive na América”, mas nos últimos anos os estadunidenses “tem deixado o governo levar embora muitas coisas que consideramos serem nossas para fazer, voluntariamente, a bondade dos nossos corações e o senso de orgulho comunitário e vizinhança”. Por fim, Reagan lembrou Tom Paine afirmando que “nós temos o poder para começar o mundo novamente” e perguntou

retoricamente aos ouvintes e telespectadores: “o que nós estamos esperando?”. A apropriação de Paine é bastante curiosa, já que essa visão da América como experiência aberta para o futuro era antagônica à da América como destino inscrito por Deus.

#### **4 - O povo escolhido e a cruzada moral conservadora**

Os trabalhos de neoconservadores como George Gilder e Charles Murray influenciaram diretamente a administração Reagan, como mostramos anteriormente. Na lógica neoconservadora desses autores, da qual o presidente era o principal porta-voz, os programas de bem estar social, os direitos civis e as regulamentações que aumentavam a dependência e diminuía a liberdade individual, a produtividade, a iniciativa e o “trabalho duro”. Consequentemente, destruíam a fé em Deus, aprofundavam a pobreza, glorificavam a mediocridade intelectual, incentivavam o uso de drogas, alimentavam a criminalidade e promoviam o aborto. Reagan acreditava que os indivíduos precisavam voltar a ter fé em Deus para reconquistarem suas virtudes na vida privada e na vida pública. A partir dos primeiros anos na Casa Branca, mas, sobretudo no segundo mandato, Reagan se aproximou definitivamente da nova direita religiosa, neoconservadora, e passou a enfatizar ainda mais os valores e as virtudes que estariam ancoradas na aceitação de Deus e da religião. Para Reagan, os indivíduos deveriam resgatar a fé em Deus e em seus desígnios e impedir que o Estado se intrometesse em suas vidas, roubasse a liberdade individual e os tornassem dependentes. Assim, reconquistariam os valores e as virtudes morais que caracterizaram os estadunidenses e reconstruiriam a vida familiar, a comunidade, a coesão e a grandeza da nação. Em 1984, diante dos magistrados do estado do Texas, naquele estado, o presidente acusou os Democratas de fortalecer o governo em lugar da família. Citando Michael Novak, filósofo católico associado do American Enterprise Institute, Reagan acusou a atitude dos Democratas de representar o enfraquecimento dos valores morais da família (REAGAN, <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/70684a.htm>>). Parafrazeando Novak, o presidente argumentou que “a família provê as crenças básicas e destas florescem a criatividade, a energia psíquica e o dinamismo social (...) se a qualidade da vida familiar se deteriorar não existe qualidade de vida”. Por isso, afirmou Reagan, “é importante fazer nossos líderes responderem as demandas do povo, fazê-los reduzir o papel do governo e restaurar as legítimas funções do Estado”.

Na convenção anual da Associação Nacional de Evangélicos em março de 1984, Reagan disse que nas décadas de 1960 e 1970, os estadunidenses haviam perdido a orientação religiosa e moral e esquecido que a fé e os valores morais tornaram a nação boa e grande (REAGAN, disponível em: <http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/30684c.htm>>). Na análise neoconservadora do presidente, “ao mesmo tempo que os padrões sociais pareciam estar se dissolvendo, nossa economia e as instituições governamentais estavam em desordem (...) parecia que nossa nação estava em permanente declínio, sem nenhum senso de justiça, auto disciplina, e responsabilidade na vida pública” . Para o presidente, os exemplos estavam por todos os lados: a pornografia, que nos anos 1950 era vendida “por baixo dos panos”, estava disponível em qualquer banca de revistas ou em lojas e em farmácia; o consumo de drogas, antes limitado a um número de adultos, se espalhou pela nação e novos entorpecentes, como o LSD, chegaram aos jovens e as crianças; e a família, que era a pedra fundamental da sociedade, foi penalizada pelos altos impostos, por políticas de bem estar social fora de controle e pela destruição dos costumes sociais da nação. Além disso, segundo Reagan, os liberais viam a promiscuidade como um comportamento aceitável. Tudo isso, de acordo com o presidente, impulsionou o crescente número de famílias formadas por mães solteiras, muitas vezes jovens grávidas, enquanto o número de famílias formadas por casais diminuía.

Para acabar definitivamente com o suposto declínio da fé e dos valores morais da nação, Reagan sugeriu que três planos deveriam ser executados. Primeiro, os estadunidenses deveriam cumprir suas responsabilidades com os que não nasceram ainda. Não poderiam virar as costas para os 4000 abortos diários. Segundo, deveriam restaurar os valores básicos da educação nas escolas. Reagan anunciou que queria reformar a educação, não só para melhorar o ensino da matemática ou da ciência, mas restaurar o senso de justiça, disciplina e liberdade. Para isso, sua administração tentaria aprovar leis para dar vouchers e restituição de imposto para os pais poderem colocar seus filhos em escolas privadas. Na lógica neoconservadora de Reagan, os pais poderiam escolher qual educação era melhor para seus filhos. Terceiro, resgatar a prática voluntária de orar nas escolas. O presidente anunciou que o senado iria votar uma emenda constitucional que permitiria orar voluntariamente nas escolas públicas

estadunidenses. Vale ressaltar que a presença de Reagan em vários eventos organizados por instituições religiosas era constante e a repercussão na mídia era grande.

## **5 – A recuperação da nação: o passado dourado e o futuro do povo escolhido**

Em alguns discursos de Reagan, sobretudo no fim do primeiro mandato e a partir do segundo mandato, os Estados Unidos pareciam estar recuperados definitivamente da crise econômica. Os estadunidenses apareciam como o povo escolhido, que havia reconquistado a ordem da sua sociedade, como no passado dourado, quando podiam gozar da liberdade individual e da independência para se auto-governarem. Além disso, o povo escolhido, tendo reconquistado suas virtudes e seu lugar no mundo, aparece com uma missão redentora, para nação e para o universo. Na mensagem inaugural de 1984, Reagan, orgulhosamente, disse aos congressistas, telespectadores e ouvintes que a nação “estava vendo a dedicação renovada aos valores fundamentais de fé, família, trabalho, comunidade, paz e liberdade”, que ajudaram a mantê-la “unida como um povo” (WOOLEY, John T. & GERHARD, Peters. *The American Presidency Project*, disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=40205>>). O presidente assinalou ainda que a dedicação renovada aos valores fundamentais dos Estados Unidos estimulou a recuperação em todo o mundo. Segundo Reagan “as forças, crenças e objetivos da América estão carregando oportunidade e esperança” para todos. Para o presidente a economia mundial estava se recuperando e isso havia começado nos Estados Unidos. No decorrer do pronunciamento, Reagan continuou enfatizando a importância de seguir o plano econômico, mantendo a redução dos gastos públicos, o financiamento militar e as reduções de impostos para manter a inflação baixa, estimular mais as nascentes indústrias de tecnologia e defender a nação. Em março daquele mesmo ano, o presidente confidenciou aos senadores Republicanos que economistas notáveis estavam dizendo a ele para “parar de falar em recuperação econômica”, pois a nação passara do estágio de recuperação e “está agora em expansão econômica”. Vislumbrando o futuro, depois da crise, o presidente anunciou que o próximo passo seria o espaço.

Na fábrica da Ford em Kansas City, no estado do Missouri, Reagan, como de costume, começou seu discurso apelando para um tema popular entre os operários, neste

caso o futebol americano (REAGAN, disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/41184a.htm>>). Depois, o presidente lembrou aos trabalhadores que “poucos anos antes esta indústria e toda América estavam em uma das piores complicações econômicas em décadas”, devido à regulação excessiva, à interferência do governo e aos muitos interesseiros de Washington. Então, segundo Reagan, a nação “traçou um novo caminho para reconstruir a América”, sabendo que o governo não poderia mais ficar no caminho do povo e estimulando o “espírito empreendedor” que recompensa o risco e as inovações. O presidente informou que este novo caminho possibilitara a redução da inflação, o fortalecimento da economia, a recuperação das indústrias automobilísticas, o crescimento da produção e mais emprego. Reagan anunciou que no ano de 1983, a indústria automobilística vendeu tantos carros quanto em 1979 e que essa história de recuperação refletia a determinação dos trabalhadores, inspirando o mundo inteiro. Para manter o sonho americano vivo, advertiu Reagan, era preciso manter a “genialidade, a força de um só corpo e o espírito de uma só alma” e “não descansar até que todos os americanos possam alcançar tão alto quanto imaginaram e a dádiva de Deus os deu este talento”.

Em 1983, Reagan recordou para os associados da Heritage Foundation que juntos eles tinham uma política e que ela havia sido colocada em funcionamento com a redução dos gastos sociais, com o corte nos impostos e com a redução das regulações (REAGAN, disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/100383h.htm>>). Segundo o presidente, como consequência, a inflação diminuiu e a economia estava em movimento novamente. Reagan afirmou a seus companheiros da Heritage Foundation que em poucos dias tudo que esteve errado durante décadas fora mudado e que “nosso programa econômico está funcionando, e nossa recuperação serve de exemplo para o resto mundo. Nós fortalecemos outras democracias”. Por fim, o presidente disse ter certeza que depois da recuperação “todos os jovens vão sempre poder ver as luzes do Potomac, que eles vão sempre encontrar nesta cidade [Washington] uma cidade de esperança em um país que é livre” e lembrarão que “nós [conservadores] asseguramos o sonho de Joseph Winthrop e Joseph Warren, que nós mantivemos a fé em nosso Deus”, e que “nós protegemos e passamos com amor nesta brilhante cidade sobre a colina”.

Diante dos conservadores evangélicos em 1984, Reagan ressaltou que o povo estadunidense decidiu dar um basta no declínio que assolava a nação (REAGAN, disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1987/022087b.htm>>). Segundo o presidente, o país começava a viver o renascimento da liberdade e da fé, “uma grande renovação nacional” que trouxe a “América de volta”. Dividindo o suposto sucesso de sua política com toda a nação, Reagan lembrou que naquele momento a recuperação econômica estava ganhando força, mas a renovação era mais do que material. A nação teria começado um renascimento espiritual no qual a fé e a esperança estavam sendo restauradas. Os Estados Unidos estariam “voltando para Deus”. Reagan revelou que o número de fiéis nas igrejas estava aumentando, assim como o consumo de livros espirituais e a mídia religiosa. Mesmo nas universidades, os jovens estariam deixando de evitar Deus. Reconhecendo a nação nas histórias bíblicas, Reagan revelou sua passagem favorita do livro sagrado: “se meu povo que é chamado por meu nome se submeter, rezar, procurar por mim e mudar suas maneiras ruins, então eu escutarei dos céus, perdoarei seus pecados e livrarei sua terra do mal”. Para o presidente, “os americanos do Maine à Califórnia estão procurando por Deus e Ele começou a livrar nossa terra abençoada do mal”.

Do outro lado do país, e alguns meses depois, em Nova Iorque, Reagan citou Lincoln para lembrar que os estadunidenses “precisam se reconciliar com o passado, para então salvar o nosso país” e afirmou que quatro anos depois de se eleger foi exatamente isso que fez (REAGAN, disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/110184e.htm>>). O presidente lembrou aos Nova Iorquinos de Rochester que quatro anos depois de chegar à Casa Branca, a nação “começou a navegar por alguns princípios fixos”, tendo como estrela do norte a liberdade e o bom senso como constelação. Reagan afirmou que os estadunidenses sabiam que a liberdade econômica significava pagar menos imposto ao governo; sabiam que a inflação e os juros estavam roubando o futuro; sabiam que a defesa militar estava enfraquecida, então, durante os últimos quatro anos, decidiram se reconstruir. Segundo o presidente-candidato a “América estava de volta” com o “espírito renovado, poder no crescimento econômico e poder na habilidade de defender a si mesma e assegurar a paz”.



Reagan saiu vitorioso nas eleições de 1984. O discurso de comemoração foi na Califórnia. Reagan dedicou a vitória ao povo americano e aos “princípios defendidos pelo brilho e bravura dos patriotas mais de 200 anos atrás” que estabeleceram “o curso da liberdade e da esperança que fazem o nosso país especial no mundo” (REAGAN, Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/110684b.htm>>). A vitória eleitoral, na ótica do presidente “reafirma esses princípios” e seus eleitores eram o fogo “que define a América, o fogo de esperança que manterá viva a promessa de oportunidade”. Em 1985, no primeiro discurso inaugural depois da sua reeleição, Reagan disse estar feliz, pois depois de 4 anos “o povo americano levou adiante a renovação da nação, mais forte, mais segura e mais livre do que antes” . Segundo o presidente, quatro anos antes o papel do governo começou a mudar na vida das pessoas e isso promoveu um grande e robusto crescimento da economia e do papel da nação no mundo.

## **6 - Depois da “Revolução”: do discurso à realidade**

Diferente da imaginação e da narrativa nacional que Reagan propagava no final do seu mandato, durante os oito primeiros anos dos neoconservadores a frente do governo estadunidense, a insegurança, a desigualdade social e a pobreza nos Estados Unidos aumentaram significativamente. Isto ocorreu, sobretudo, devido às políticas de redução dos programas sociais e da substituição dos impostos regressivos por impostos progressivos. Embora os conservadores representados por Reagan não tenham eliminado definitivamente os programas sociais e a seguridade social, estes sofreram um processo de degradação, principalmente nos primeiros anos do governo neoconservador. A insegurança era crescente. Em 1983, 408.000 pessoas já haviam perdido o direito ao AFDC. Durante os anos seguintes, muitas outras pessoas perderam o direito ao programa Food Stamps, que passou a receber US\$ 2 bilhões a menos do que recebia antes da Era Reagan. Os recursos para a alimentação nas escolas também foi reduzido em US\$ 1 bilhão se comparado ao final da década de 1970. Os investimentos em saúde também sofreram reduções significativas em comparação aos governos anteriores. Em 1982, os investimentos na área da saúde caíram 3%; em 1983, caíram mais 4%; em 1984, caíram mais 4.5%. Em 1975, 78% dos desempregados estadunidenses recebiam os benefícios do seguro desemprego; em 1983, eram apenas



39%. Em resumo, entre 1982 e 1985, quando os programas sofreram os cortes mais profundos, os recursos para o seguro desemprego foram reduzidos em 6.9%, para o AFDC foram reduzidos em 12.7%, para o Food Stamps foram reduzidos em 12.6% e para os programas de nutrição infantil foram reduzidos em 27.7% (KATZ, 1996).

A suposta redução de impostos de 1981 e 1982 recompensou os ricos e puniu os pobres. A redução se deu sobre os impostos de renda, enquanto os impostos sobre a seguridade social aumentaram. As famílias que recebiam menos de US\$ 10.000 por ano perderam aproximadamente US\$ 95. Por outro lado, as famílias que recebiam entre US\$ 75.000 e US\$ 100.000 por ano ganharam mais US\$ 403; as famílias que recebiam entre US\$ 100.000 e US\$ 200.000 por ano ganharam mais US\$2.269; e as famílias que recebiam acima de US\$ 200.000 por ano ganharam mais US\$ 17.403. Ao mesmo tempo, as famílias mais pobres perderam mais benefícios do que as famílias mais ricas, ou passaram a gastar mais com serviços do que antes, quando o governo desenvolveu programas sociais, como os de saúde e alimentação. As famílias que recebiam menos de US\$ 10.000 por ano perderam aproximadamente US\$ 1.340 em benefícios, enquanto as famílias que recebiam entre US\$ 40.000 e US\$ 80.000 por ano perderam apenas US\$ 390 (KATZ, 1996). Com tudo isso, na década de 1980, aproximadamente US\$ 160 bilhões foram transferidos por ano para os 5% mais ricos do país. No mesmo período, apenas 1% das famílias estadunidenses controlavam 37% da riqueza dos Estados Unidos (BERMAN, 1994).

Em média, a renda da família americana caiu entre 4% e 6.5% no período entre 1979 e 1987 (BERMAN, 1994). O número de crianças pobres aumentou de 3.7 milhões para 13.8 milhões, apenas entre 1979 e 1983. No mesmo período, o número de desabrigados e famintos aumentou dramaticamente. Em 1967, uma força tarefa de médicos e senadores começou a investigar a fome nos Estados Unidos. Naquele ano, a força tarefa relatou que a fome e a má nutrição ainda cresciam no país. Dez anos depois, em 1977, a mesma força tarefa concluiu que os programas de alimentação e nutrição, como o Food Stamps e a alimentação escolar, haviam reduzido significativamente a fome e a má nutrição entre os pobres do país. Em 1985, a força tarefa concluiu que a fome e a má nutrição estavam, novamente, se tornando um sério problema para os Estados Unidos. O aumento da pobreza, a redução dos investimentos em saúde e a redução de recursos financeiros disponíveis para financiar os programas de assistência

alimentar e nutricional trouxeram não só a fome, mas doenças e crescimento da mortalidade.

### **Bibliografia:**

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the origin and Spread of Nationalism*. New York: Verso, 1983.

AULETTA, Ken. *The underclass*. New York: Randon House, 1982.

AZEVEDO, Cecília. A santificação pelas obras: experiência do protestantismo nos EUA. IN. *Revista Tempo* vol 6. nº 11, Rio de Janeiro: 7 letras/Ed Uff, 2002.

\_\_\_\_\_. Guerra à pobreza: EUA, 1964. In: *Revista brasileira de história*, São Paulo. V. 153, nº. 2/2005.

BALAKRISHNAN, Gopal (org). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contaponto, 2000.

BENDER, Thomas. *Toward an urban vision: Ideas and institutions in nineteenth century America*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1982.

BERLET, Chip & LYONS, Matthew N. *Right wing populism in America: too close for comfort*. Nova Iorque: The Guilford Press, 2000

BERMAN, William C. *America's right turn: from Nixon to Bush*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva

\_\_\_\_\_. *Razões Práticas*. São Paulo: Papyrus, 1996.

\_\_\_\_\_. *Os Usos e abusos da ciências: Por uma sociologia clinica do campo científico*. São Paulo: Unesp, 2004.

CENTER ON BUDGET AND POLICY PRIORITIES. *Falling behind: a report on how blacks have feared under Reagan*. In: *Journal of black studies*. Vol. 17, Nº2. Dec 1986.

COLLINS, Robert M. *The Economic Crisis of 1968 and the waning of the "American Century*. In: *The American historical review*. V. 101, Nº2, abr 1996.

\_\_\_\_\_. *Transforming America : politics and culture in the Reagan Years*, New York: Columbia University Press, 2007

DUBOFSKY, Melvyn. *American labor since the New Deal*. Chicago: Quadrangle Books, 1971.

DWECK, Ruth Helena. O federalismo norte-americano: questão fiscal – “Reaganomics”. In: *Transit Circle, Revista Brasileira de Estudos Americanos*, vol. 2 Nova Série, Rio de Janeiro, 2003.

ESPING-ANDERSEN, Gosta. *The Three political economies of the welfare state*. *Canadian Review of Sociology and Anthropology*, Vol. 26, 1989

- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FRASER, Steve & GERSTLE, Gary (ed), *Ruling America: A history of wealth and power in a democracy*. Cambridge: Harvard University Press, 2005
- FURTADO, Celso. *Transformação e crise na economia mundial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GERSTLE, Gary. The protean character of American liberalism. In *American historical review*, Vol. 99, Nº. 4, p.1046, out. 1994.
- GERSTLE, Gary. *American crucible: race and nation in the twentieth century*. New Jersey: Princeton University Press, 2001.
- GERSTLE, Gary. *Working-Class Americanism: The Politics of Labor in a Textile City, 1914-60*. York: Cambridge University Press, 1989.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- GILDER, George. *Wealth and poverty*. New York: Basic Books, 1980.
- HASTINGS, Adrian. Special Peoples. IN. *Nations and Nationalism*, n. 5 (3), ASEN 1999.
- HARTZ, Louis. *The liberal tradition in America: an interpretation of American political thought since the Revolution*. New York: Harcourt Brace, 1955.
- HARRINGTON, Michael. *The new poverty*. New York: Rinehart and Winston, 1984.
- HIMMELSTEIN, Jerome L. *To the right: the transformation of American conservatism*. Berkeley: University of California Press, 1990.
- HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (org). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOVELER, David. Conservative intellectuals and the Reagan Ascendancy. In: *the history teacher*, Vol.23, nº3. mai, 1990
- JACOBSON, Matthew Frye. *Barbarian Virtues: The United States encounters foreign people at home and abroad 1876-1917*. New York: Hill and Wang, 2000.
- JENKINS, Craig J. & ECKERT, Craig M. The right turn in economic policy: business elites and the new conservative economics. In: *Sociological Forum*, Vol. 15, nº2. jun, 2000
- JEFFORDS, Susan. The patriot system, or managerial heroism. IN. *Cultures of American Imperialism*. Ed. Kaplan and Pease. Durham: Duke University Press, 2003.
- KATZ, Michael. *In the Shadow of the poorhouse: a social history of welfare in America*. New York: Basic Books, 1996.
- KESSEL, John H. The structures of the Reagan white house. In: *American journal of political science*. Vol. 28, nº.2. Mai, 1984
- LEOUSSI, Athena. Myths of ancestry. IN. *Nations and Nationalism*, n. 7 (4), ASEN 2001.

LIMONCIC, Flávio. A promessa da vida Americana: Herbert Croly, as “discriminações construtivas” e a questão do Estado Norte-Americano. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. Os inventores do New Deal: a construção do sistema norte-americano de relações de trabalho nos anos 1930. In: Transit Circle, Revista Brasileira de Estudos Americanos, vol. 2 Nova Série, Rio de Janeiro, 2003

MAMPAEY, Luc & SERFATI, Claude. Os grupos armamentistas e os mercados financeiros: rumo a um compromisso “guerra sem limites”?. IN. CHESNAIS, François (org). A finança mundializada. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATUSOW, Allen J. The unravelling of America: A history of liberalism in the 1960's. New York: Harper & Row, 1984.

MITCHELL, Timothy. MITCHELL, Timothy. Mcjihad: Islam in the U.S Global Order. IN. Social Text. Vol. 73, Winter 2002, Duke University Press.

MILLS, Wright C. The power elite. New York. Oxford University Press, 1956

MURRAY, Charles. Losing Ground. New York: Basic Books, 1994

NGAI, Mae M. Impossible Subjects: Illegal Aliens and the making of modern America. New Jersey: Princeton University Press, 2004

PORTES, Alejandro e RUMBAUT, Rubén. Immigrant America. Berkeley: University of California Press, 1996.

SITKOFF, Harvard. A new deal for blacks: the emergency of civil rights as a national issue: the depression decade. Oxford: Oxford University Press, 1978.

SMITH, A. D. Myths and memories of the nation. New York: Oxford University Press, 1999.

ST. PIERRE, Maurice. Reaganomics and its implication for African-American family life. In: Journal of black studies. Vol. 21, N°3. Mar 1999.

SULEIMAN, Michael. Arabs in America: building a new future. Philadelphia: Temple University Press, 1999.

TICHENOR, Daniel J. Dividing Lines: politics of immigrant control in America. New Jersey: Princeton University Press, 2002

WATERS, Mary C. e UEDA, Reed. The new Americans. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

ZIMMEMAN, Joseph F. Federal preemption under Reagan's New Federalism. In: Publius, Vol. 21, n°.1. Winter, 1991